



VIVÊNCIAS, CIRCULAÇÃO E VISIBILIDADE DOS GRUPOS LGBT: um estudo sobre as interações sociais em Recife/PE

Lúcia Bahia Barreto Campello¹
Nadia Patrizia Novena²
José Gonçalves da Silva³
Hannah Rebeca Barboza de Araújo⁴
Camila Estephany. Silva⁵

Resumo: Esta pesquisa analisa as interações sociais vivenciadas nos espaços de sociabilidade e homossociabilidade da cidade do Recife se apropriando das categorias de espaço, gueto e dispositivo de produção de subjetividades para desenvolver suas análises. Através da pesquisa etnográfica em espaços de homossociabilidade e entrevistas com homossexuais, vimos que o gueto, além de funcionar como um instrumento sócio-organizador, opera também como um dispositivo de produção de subjetividades, pois representa para os grupos LGBT um espaço onde solidão e liberdade se encontram. Os espaços de homossociabilidade sugerem que marcadores de diferença referidos a classe, gênero e sexualidade operam para classificar os sujeitos em desejáveis ou não, contribuindo para a autoafirmação da identidade homossexual.

Palavras-chave: Gueto. Homossociabilidade. Espaço urbano.

As mudanças que vêm acontecendo no mundo de maneira mais profunda e acelerada a partir do final do século XX e início do século XXI nos aspectos econômico, social e político têm transformado as paisagens culturais de classe, gênero, raça, etnia e sexualidade.

Em especial, a configuração dos relacionamentos interpessoais se multiplicou, modificando a dinâmica de constituição da família, dos relacionamentos conjugais, sexuais e amorosos produzindo novos arranjos e, portanto, novas práticas e formas de estabelecimento de vínculos afetivos e sociais, como as relações entre as pessoas do mesmo sexo – a homossexualidade.

¹ Especialista em Alfabetização, Técnica Educação do Governo de PE. luciabcampello@hotmail.com

² Doutora em Sociologia e Profa. Adjunta da Universidade de Pernambuco/UPE. novena@uol.com.br

³ Especialista em Educação Especial, Professor da Prefeitura de Camaragibe. andressilva18@hotmail.com

⁴ Bacharel em Educação Física – em formação. hannaharaujo@hotmail.com

⁵ Licencianda em Educação Física. estephany.cfsd@hotmail.com

A emergência das identidades estimulou o surgimento de movimentos sociais – os chamados novos movimentos sociais, como o homossexual, por exemplo – com o objetivo de problematizar as relações de poder e buscar o respeito aos direitos fundamentais e à liberdade dos indivíduos. Nesta busca dos grupos identitários, ocorre a luta simbólica e política pelo espaço público que repercute necessariamente na organização espacial urbana, em suas normas de “ocupação” definindo com isso quem tem autorização para ocupar este lugar e de que forma.

A partir desse contexto, algumas questões foram levantadas para este estudo: quais são e como são representados os espaços de interação dos grupos LGBT na cidade do Recife? Como se dá o processo de circulação destes grupos na cidade? Como as vivências e interações afetivo-sexuais acontecem nesses espaços?

Este estudo, que se propõe a analisar as interações sociais vivenciadas nos espaços de homosociabilidade da cidade do Recife, se apropria das categorias de espaço urbano, homossexualidade e gueto para desenvolver suas análises.

As primeiras reflexões apresentadas foram construídas a partir da pesquisa etnográfica, que envolveu observações – durante o período de seis semanas – em espaços de homosociabilidade como cinemas, igreja, bares e boates. Além disso, realizamos cinco entrevistas semi-estruturadas a partir de um roteiro de questões formulado a partir do objetivo geral da pesquisa: analisar as interações sociais vivenciadas nos espaços de homosociabilidade da cidade do Recife. Os critérios para a escolha dos sujeitos da pesquisa foram dois: que se identificassem como homossexuais e que frequentassem espaços GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) com certa frequência e há algum tempo. Entrevistamos três homens e duas mulheres.

Definimos a análise de conteúdo para tratar as informações e discursos produzidos a partir das referências de Bardin (1988).

O interesse pela categoria de espaço urbano quando situada, em especial, na teoria pós-moderna se dá em função da possibilidade de compreendermos os processos de vigilância, controle e poder, tal como descritos por Foucault. Esses processos nos permitem a dinâmica de estabelecimento dos espaços de interação homossexual num determinado período histórico, sua “delimitação” no gueto, suas representações e sentidos.

Para compreendermos o sentido de espaço, faz-se necessário pontuar a mudança produzida a partir da globalização. A noção de espaço delimitado, estável e fixo, tal

como apresentada na modernidade – da mesma forma que a noção de identidade⁶ –, vem passando por um processo de descentramento (GIDDENS, 1991, p. 8).

Conforme Giddens (1990) na modernidade há uma separação cada vez maior entre o espaço e o lugar – como específico, concreto, conhecido, familiar e delimitado – o que repercute nas identidades, que passam a ser construídas também a partir de relações entre outros que estão "ausentes", distantes (em termos de local), de qualquer interação face a face. Ou seja, este local e esta identidade passam a ser construídos também a partir de referências ocultas e de relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991, p. 20).

Assim, mesmo considerando que tanto o lugar como o espaço apresentam demarcações e delimitações que já não são fixas e que são atravessadas por outras culturas, suas “fronteiras” não se apagam totalmente, apenas são borradas, o que põe em evidência o problema das identidades que nelas se encontram. Tomando as referências das identidades sexuais, algumas perguntas relacionadas a esta “estreita faixa ao longo das bordas escarpadas” são pertinentes: as identidades LGBT dão conta de nomear todas as possibilidades de vivência, manifestação, arranjos afetivos na sexualidade, tal como questionado pelos teóricos *Queer* (FOUCAULT, 1981; BUTLER, 2002)?

Outro aspecto a ser considerado em relação ao espaço e às identidades é que a “ampliação dos sistemas de significação e representação cultural se ampliaram, somos confrontados por uma multiplicidade cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1999, p. 13) repercutindo no surgimento de novos arranjos identitários que certamente buscarão seu fortalecimento – tanto individual como coletivamente – a partir da organização de novos movimentos, com novas demandas em termos de reconhecimento e conquista de espaço.

Já dissemos que estes movimentos que problematizam as relações de poder em torno das produções sociais das identidades e das diferenças buscam, basicamente, o respeito aos direitos fundamentais e à liberdade dos indivíduos em suas identidades. Todavia, deve-se perceber que estas relações identidades/diferenças são fortemente marcadas por relações de poder e, neste sentido, a afirmação das identidades e a marcação das diferenças implicam sempre em operações de incluir e de excluir, de classificar e hierarquizar. E nos parece que é nesse sentido, que a categoria espaço poderá expressar esta relação quando ocorre a sua delimitação, como no caso do gueto.

⁶ No livro de Stuart Hall (2006) – A identidade cultural na pós-modernidade –, o autor descreve o processo de nascimento e morte do sujeito moderno, bem como o seu processo de descentramento.

Assim, a escolha da categoria gueto para este estudo foi condicionada por duas possibilidades de análise: a primeira relacionada ao sentido descritivo inicial do termo designando a ocupação, deliberada ou não, e a organização espacial urbana por grupos minoritários – gueto como uma área “natural”, produto da “história da migração”, por exemplo; e a segunda, a partir do alargamento deste conceito apresentada por Wacquant (2004), em que o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador, como um espaço incubador simbólico da produção de uma identidade maculada, designando, portanto, uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano.

Em especial, o gueto homossexual – constituído por espaços urbanos públicos ou comerciais, como bares, boates, cinemas – representa um ponto de encontro e de compartilhamento das vivências homossexuais (FRANÇA, 2007).

MacRae (2005), no artigo *Em defesa do gueto*, afirma que o homossexual tomado por sentimentos de anormalidade, culpa e pecado, somados à ameaça do ostracismo social, tende a se “ocultar” no gueto. Segundo este autor, este espaço apresentaria as condições para que o homossexual experimentasse a vivência nesta identidade, possibilitando a construção de sua identidade social e, com isso, seria criada a condição de assumi-la em espaços menos restritos, chegando até a apresentar-se nesta condição em todos os espaços que frequenta. Daí, a defesa do gueto.

Assim, embora as identidades sexuais pouco a pouco comecem a ser incorporadas aos discursos e espaços, o preconceito, a discriminação e a estigmatização ainda se fazem presentes na sociedade, pois a heterossexualidade permanece como a referência sobre a qual todas as relações devem se assentar. Por consequência, as “outras identidades” são vistas ainda como anormais e desviantes. Daí o questionamento constante sobre a causa da homossexualidade.

Na tentativa de responder a essas questões, duas perspectivas teóricas foram desenvolvidas e sobre as quais faremos alguma referência: a primeira calcada numa determinação natural do desejo, o essencialismo histórico, e a segunda, em sua determinação cultural, o construcionismo social.

A perspectiva do essencialismo histórico ostenta a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos e em sua fisiologia, na forma de um instinto ou energia sexual, que define a identidade homossexual. Um dos autores que se destaca no estudo da identidade sexual a partir desta perspectiva é John Boswell, sustentando a ideia de que a essência da identidade de um mesmo gênero sempre existiu

ao longo de boa parte da história, ao menos até a época sobre a qual se tem conhecimento (BOSWELL, 1998).

No sentido oposto, a perspectiva do construcionismo social problematiza a constituição pré-fixada da identidade sexual, argumentando que essa é produzida numa teia de diferentes significados culturais, simbólicos e eróticos. Os autores que representam esta concepção têm questionado amplamente os estudos essencialistas, afirmando que uma tal identidade homossexual não existia antes dos fins do século XIX (LIPKIN, 1999; WEEKS, 1999).

Os construcionistas sociais acreditam que todas as identidades são inventadas e modeladas por forças sociais, ou seja, para eles a sociedade forneceria instruções e modelos para que fossem desempenhados os papéis ligados à identidade. Além disso, ratificam a ideia de que não há essência biológica da sexualidade que seja imune à influência social e que até mesmo as fantasias sexuais se constituíam num roteiro aprendido no plano social (LIPKIN, 1999; WEEKS, 1999). Nessa linha de reflexão, o construcionismo social privilegia a ideia de que a homossexualidade seria definida por uma escolha ou opção sexual do próprio indivíduo.

Considerando as categorias de espaço urbano e gueto, passamos a analisar como se apresenta a dinâmica de estabelecimento e circulação dos homossexuais nos espaços pesquisados, as motivações dos sujeitos para as interações afetivo-sexuais, a sua “delimitação” no gueto, suas representações e sentidos.

Homossociabilidade nos espaços da cidade do Recife: o gueto como dispositivo de produção de subjetividades

Situada no bairro do Cordeiro no Recife, a Comunidade Cristã Nova Esperança, igreja evangélica pentecostal, diferentemente de outros espaços religiosos, acolhe gays e lésbicas que desejam adorar/orar. A CCNE prega a teologia inclusiva, onde todos são bem-vindos, independente da sua orientação sexual, cor, raça. É uma igreja que acolhe toda a diversidade humana.

O discurso do Pastor reforça este princípio, pois, a orientação para os frequentadores – gays e lésbicas – era que “as pessoas devem se paquerar, se conhecer e namorar e futuramente casarem, já que Deus quer família, Deus quer o casamento”.

É interessante ressaltar que esse discurso reforça a heteronormatividade compulsória, uma norma que visa regular e normatizar os modos de ser e de viver a

sexualidade, numa perspectiva biologizante e naturalizada em que a sexualidade é identificada somente como genitalidade e heterossexualidade (LOYOLA, 1999, p. 33).

A assimilação, ou seja, a incorporação da heteronormatividade tem a função de “normatizar” a homossexualidade através de estratégias heterossexuais como o casamento, por exemplo. Dessa forma, o homossexual “normatizado” teria atenuado seus estigmas de anormal, depravado, um desviado, um pecador.

Nessa direção, a teoria *queer* irá questionar a normalização como um pressuposto para se alcançar a igualdade política, que tende a ser confundida com a obtenção de direitos como o casamento e a adoção de crianças.

Para a teoria *queer*, enquanto a heterossexualidade e suas estratégias de manutenção não forem problematizadas como uma imposição, como uma construção, enquanto a identidade heterossexual continuar no “confortável discurso de que ela sim é natural, normal, determinada pela biologia e até por Deus”, a falta de respeito à diversidade sexual e de gênero persistirá (COLLING, 2011, p. 15).

A homossociabilidade neste espaço se apresenta através de trocas de olhares e de conversas. Nos discursos levantados, encontramos a ideia comum de que muitos gays frequentam este espaço, pois além de serem aceitos na sua condição, acreditam que encontrarão parceiros para o estabelecimento de uma relação estável e duradoura – tal qual evidenciada pela heteronormatividade – como dito anteriormente.

Vimos que esta igreja possibilita a inclusão de gays e lésbicas, embora dentro dos preceitos da heteronormatividade. Porém, mesmo a partir desta referência, representa um espaço de homossociabilidade, ou seja, de trocas de experiências e vivências entre os homossexuais, que contribui para atenuar a culpa e o sentimento de anormalidade, cumprindo com isso o papel de gueto homossexual.

Os jovens homossexuais assim expressaram em seus discursos as suas impressões, visões e opiniões sobre o gueto. Este espaço foi valorizado como possibilidade de aprendizagem acerca das vivências homossexuais.

“Quando eu me descobri assim, eu não sabia de nada. Depois que comecei a sair com o grupo e a encontrar outras pessoas como eu, eu comecei a aprender tipo desde como pegar alguém, assim, a sedução...eu não tinha ideia de nada, eu sabia como as coisas aconteciam do outro lado, mas não deste” (suj.fem., 24 anos).

Como vimos anteriormente, o gueto é um espaço identitário que propicia identidades mais afirmativas. Além disso, o gueto propicia uma aprendizagem a partir

dos roteiros sexuais⁷ inscritos nos espaços, para desenvolver seus roteiros particulares a fim de organizar seu comportamento sexual (GAGNON; SIMON, 1990).

Outra característica do gueto também foi evidenciada neste discurso:

“Para mim, foi a melhor coisa da minha vida. Quando eu vou para lá (gueto) eu posso ser quem eu sou. Porque assim, só algumas pessoas sabem disso... Aí eu sei que ninguém vai ficar olhando para você e te julgando... lá todo mundo é igual, todo mundo acredita nisso e a gente vai querendo é ser feliz. Eu queria que a gente pudesse viver assim sempre”(suj.masc., 26 anos)

Segundo Crocker e Cols. (1998), uma maior presença de indivíduos similarmente estigmatizados num meio ambiente determinado pode ocorrer por vários motivos, desde a segregação forçada devido à discriminação, a preferência pelo contato entre iguais e por consequência a produção da sensação de segurança, onde o sujeito pode então expressar a sua sexualidade de maneira livre. Isto repercutiria na elevação da autoestima, pois os sujeitos também se avaliam pela participação que têm em grupo.

Por outro lado, pode-se destacar que embora originalmente a razão de existir do gueto esteja relacionada fortemente pela necessidade dos “diferentes”, dos estigmatizados se protegerem e se afirmarem positivamente – especialmente o gueto gay – como um espaço identitário em que as pressões da sociedade podem ser colocadas de lado, propiciando identidades mais afirmativas – a princípio – como um lugar onde pode-se viver a liberdade sexual, consideramos que esta representação merece uma análise mais cuidadosa.

Consideramos que para além desta função, o gueto funcionaria também como um dispositivo institucional de poder, já que ao acolher, situar e delimitar a vivência de um grupo num espaço determinado, este atuaria dentro da mesma lógica da negação da hipótese repressiva apresentada por Foucault (1987), em que a repressão não se daria mais através do interdito, da repressão, da censura, do silêncio e do interdito, e sim, através do estímulo, da disciplina, do controle e especialmente da vigilância. Daí, a outra função do gueto, possibilitar a vivência da sexualidade – aparentemente de forma livre, mas delimitada e porque não dizer circunscrita naquele espaço determinado.

⁷ A perspectiva social do comportamento sexual foi apresentada por Gagnon e Simon (1990) a partir de um trabalho denominado de “A conduta sexual”. Os autores explicam suas ideias sobre o que entendem por *roteiros sexuais*. Para ele, os *roteiros sexuais* não se localizam como uma experiência concreta, mas sim como uma perspectiva de projetos ou mesmo de fantasias sexuais, e que os indivíduos usam sua habilidade interativa, bem como material da fantasia e mitos culturais, para desenvolver roteiros como uma forma de organizar seu comportamento sexual.

O PARQUE 13 DE MAIO – o privado no público.

Nas observações e conversas realizadas no Parque 13 de Maio – próximo à Faculdade de Direito do Recife – destacamos que embora seja um espaço público, os funcionários afirmaram que principalmente nos finais de semana, os gays ocupam os espaços do banheiro e próximo à gaiola dos macacos para a prática de sexo oral. Foi interessante notar que essa área dentro do parque é dada como isolada a partir das 19h se transformando num gueto, pois somente passam a ocupar aquele espaço os gays com a finalidade de manter relação sexual.

Esta construção do gueto, delimitando um espaço privado dentro de um espaço público, já está tão incorporada ao cotidiano do parque que os moradores próximos, bem como os frequentadores, relataram conhecer estas práticas e o seu modo de funcionamento.

Vale salientar ainda que vários grupos como o LGBT Surdos e outros grupos como emos, grupos de travestis, garotos de programas se encontram neste parque com a finalidade de estabelecer interações afetivas e também programas de trabalho.

O CINE BOA VISTA: analisando o “roteiro dos filmes”.

O cine boa vista é frequentado por heterossexuais, bissexuais e homossexuais, por deficientes auditivos, físicos e visuais. No térreo, está a sala de reprodução de filmes dirigidos para os heterossexuais e bissexuais. Na parte superior da casa, existe a outra sala de reprodução de filmes para os gays. Nesse espaço a pegação e a sarração é muito forte, enquanto os filmes estão sendo reproduzidos.

Na parte superior existem cabines fechadas até o teto, onde os casais se encontram para manter relações sexuais possibilitando práticas eróticas caracterizadas pelo sexo ocasional e uso eventual de preservativos. Após a relação sexual, eles se separam. Pudemos observar que o objetivo dos frequentadores do Cine Boa Vista, mais do que assistir aos filmes, eles buscam este espaço para produzir seus próprios roteiros sexuais. Este gueto possibilita os encontros de forma casual, através da escolha de parceiros anônimos e “sem rosto”.

URSOS DE PERNAMBUCO

É um clube exclusivo para gays masculinos (EGM) que tem como slogan “feita por ursos, para os ursos”. O Urso é uma gíria LGBT para aqueles que frequentam

comunidades ursinas, uma subcultura das comunidades gay/bissexual masculinas e um subgrupo emergente LGBT com eventos, códigos e identidade específica.

Enquanto proposta identitária, os Ursos tendem a ter corpo cabeludo e barba; alguns são pesados; alguns projetam uma imagem masculina de aparência bruta (aqui em Pernambuco chamados de “cafuçu”), porém nada disso é requisito ou indicador únicos. Alguns ursos dão muita importância para a aparência hiper-masculina contrapondo-se a qualquer tipo de efeminação.

A este respeito, pudemos observar que há uma forte rejeição pelos efeminados, inclusive impedindo que estas pessoas adentrem no ambiente, o que implica no estabelecimento de um preconceito de gênero.

Segundo Richardson (2009), a efeminofobia refere-se aos traços antigênero feminino e misógeno presentes nesta forma de discriminação e violência. Assim, ressalta que a fobia não é tanto com relação à homossexualidade e sim com relação ao efeminamento. Este medo busca preservar a “camaradagem masculina”, o sentimento de controle e subordinação compartilhado por homens, hetero ou gays, sobre as mulheres.

Destacamos inclusive que durante a nossa pesquisa de campo, a pesquisadora mesmo justificando a intenção da pesquisa foi impedida de entrar no espaço. Portanto, embora o gueto gay originalmente seja um espaço de liberdade para este público, é também um espaço de discriminação e preconceito de gênero.

Diferentemente deste espaço, o MIX PUB – dissidência dos Ursos de Pernambuco - foi criada com a proposta de ser um espaço democrático que abriga todas as tribos, porém a maior frequência seja do público feminino.

O que chama atenção na observação deste espaço foi a socialização e as afetividades das mulheres que aconteciam de forma discreta – diferentemente do que foi observado nos grupos gays. Esta diferença no estabelecimento dessas interações entre as lésbicas pode ser pensada em função da dificuldade de reconfigurar o paradigma da feminilidade - em consonância com as conquistas sociais alavancadas pelo movimento feminista e pelo movimento lésbico. Ou seja, parece que os estereótipos que impregnaram o feminismo na história das sociedades civilizadas, como a fragilidade, a delicadeza, a submissão, a discrição, parecem ainda servir de contorno também para as relações lésbicas (LEONEL, 2011).

Considerações finais

A partir de alguns depoimentos podemos destacar que a razão de frequentar o gueto está relacionada à sensação de segurança e de liberdade para expressar “publicamente” sua identidade sexual, somada à necessidade de identificação entre iguais, ou seja, pessoas que têm a mesma preferência e orientação sexual. Como afirma Pinto (1992), o gueto não pode ser entendido simplesmente como marca de retraimento, medo ou exclusão, mas sim como um espaço propício para a livre expressão da sexualidade, pelo princípio do prazer e principalmente de pertinência, da consciência de estar entre iguais.

As primeiras leituras sobre os espaços observados apontam que os gays e lésbicas buscam o gueto movidos por experiências comuns da vergonha e dos sentimentos de culpa, anormalidade e insegurança em relação às suas orientações sexuais.

Há também em comum por parte destes grupos o questionamento à heteronormatividade, e por consequência o rechaço a toda a forma de discriminação e preconceitos principalmente àqueles dirigidos à orientação sexual.

Nesse sentido, os guetos funcionam como espaços importantes para a visibilidade dos sujeitos e seus modos de vida, já que os depoimentos apontaram para o gueto como um espaço de liberdade e possibilidade de construção da identidade coletiva.

Por isso, vimos que o gueto, além de funcionar como um instrumento sócio-organizador, opera também como um dispositivo de produção de subjetividades, pois representa para os grupos LGBT um espaço onde solidão e liberdade se encontram, já que a “vivência” no gueto é movimentada a partir de um isolamento imposto pelo exterior o que leva a uma intensificação do intercâmbio social e cultural, neste caso a homosociabilidade.

Este processo de guetização – que fortalece o orgulho coletivo – alimenta práticas eróticas caracterizadas pelo: sexo ocasional e uso eventual de preservativos; pelos lugares específicos para a sua realização; pelas azarações e pegações dando muitas vezes lugar para as sarrações e suas variações; e ainda pela escolha de parceiros anônimos e “sem rosto” como o que foi observado no cinema por exemplo.

A referência identitária LGBT expressa as experiências no gueto, pois foram identificadas nas observações e na análise dos discursos “normas” de como ser gay,

lésbica, bissexual, travesti e transexual. Vale destacar a esse respeito, que esta padronização por mais que possa expressar, a princípio, as afinidades, as similaridades, as características comuns de um determinado grupo, pode servir também como um mecanismo de opressão dentro do próprio grupo, pois aqueles gays e lésbicas que porventura se colocarem de outra forma, como vimos anteriormente – um gay com “traços femininos” -, pode sofrer preconceito e discriminação por não atender aos padrões determinados para este grupo. Daí uma dupla opressão: primeiro a partir da própria lógica heteronormativa; e depois pela assimilação, “adequação” e incorporação pelo próprio grupo homossexual (COLLING, 2011).

Este modo de vida baseado na referência identitária traz dificuldades na consideração de outros arranjos possíveis, por exemplo, um homem trans que é gay, ou ainda uma mulher trans que é bissexual. Ou seja, que arranjos podem ser construídos a partir das sexualidades não normativas? Como nomeá-los e por quê?

Esses espaços de homosociabilidade sugerem que marcadores de diferença referidos a classe, gênero e sexualidade operam para classificar os frequentadores em desejáveis ou não, contribuindo assim para a autoafirmação da identidade homossexual.

Pôde-se evidenciar, de um lado, a aceitação da homosociabilidade no espaço restrito aos guetos e, de outro, a segregação desses territórios por parte daqueles que não o frequentam. Os processos de vigilância e controle – de ambos os lados – também foram identificados, tal como no Panóptico descrito por Bentham - somente como analogia – demonstrando que os que estão dentro vigiam/controlam os de fora e vice e versa (FOUCAULT, 1987, pp. 166-167). Por isso, o gueto não é simplesmente um produto do poder, mas também é dotado de poder.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BOSWELL, John. *Before the closet: Same-Sex Love from Beowulf to Angels in America*. Chicago, University of Chicago Press, 1998.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan – sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Anagrama, 2002.

COLLING, Leandro. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: _____ (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011. p. 07 – 20.

COMUNIDADE CRISTÃ NOVA ESPERANÇA. <http://www.ccnei.org>

CROCKER, J e Cols. Social Stigma. In: GILBERT, D.T. e Cols. *The handbook of Social Psychology*. vol. 2. New York: McGraw Hill, 1998, p. 504-553.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir, nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. *Gai Pied*, [S.l.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em: 22 abr. 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos pagu* (28), Campinas, janeiro-junho de 2007: 227-255.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEONEL, Vange. Lesbofobia. In: VENTURINI, Gustavo; BOKANY, Vilma.(orgs) *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011

LIPKIN, Arthur. *Understanding homosexuality, changing schools*. Colorado: Westview Press, 1999.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEIBORN, M. L. (org.). *Sexualidade – o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 291-308.

PINTO, C. R. J. P. Movimentos Sociais: Espaços Privilegiados da Mulher Enquanto sujeito Político. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Ed.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. pp. 127-150.

RICHARDSON, Niall. Effeminophobia, misogyny and *Queer* friendship: the cultural themes of channel 4’s Playing it straight. *Sexualities*, v.12,n.4, 2009, p. 525-544.

WACQUANT, Loïc. Que é Gueto? construindo um conceito sociológico. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: GUACIRA, Lopes Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.